



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CAMPUS IV
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ARIEL ARAÚJO DA SILVA

**RETRATOS DE VIDA: Experiências do Estágio Supervisionado em Geografia II,
na Associação Amigos da Casa Rebeca, Jacobina-Ba**

Jacobina-Ba
2025

Ariel Araújo da Silva

**RETRATOS DE VIDA: Experiências do Estágio Supervisionado em Geografia II,
na Associação Amigos da Casa Rebeca, Jacobina-Ba**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo Souza Novais

Co-Orientador Prof. Dr. Pedro Paulo Souza Rios

JACOBINA-BA

2025


FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO


RETRATOS DE VIDA: Experiências do Estágio Supervisionado em Geografia II, na Associação Amigos da Casa Rebeca, Jacobina-Ba

Ariel Araújo da Silva

Este trabalho de conclusão de curso (artigo) foi apresentado no dia 08 de janeiro 2025 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela banca examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS PAULO SOUZA NOVAIS**
Data: 31/01/2025 21:06:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

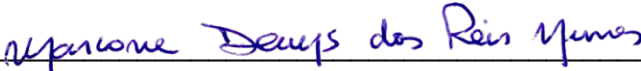
Prof. Dr. Marcos Paulo Souza Novais – UNEB
(Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **PEDRO PAULO SOUZA RIOS**
Data: 08/01/2025 21:56:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Paulo Souza Rios - UEFS
(Co-Orientador)



Prof. Me. Edvaldo Hilário dos Santos
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(Membro da banca - interno)



Prof. Dr. Marone Denys dos Reis Nunes
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(Membro da banca - interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos seres de luz que iluminaram meu caminho e me fortaleceram nos momentos de incerteza. À minha mãe, minha tia e meus irmãos, por todo amor, apoio e incentivo ao longo dessa jornada. Aos meus professores, desde os anos iniciais até a graduação, pelo conhecimento compartilhado e por inspirarem minha trajetória acadêmica.

À minha turma de Geografia da UNEB, e aos amigos da residência universitária Luan, Felipe, Davi, Eriston, Wesley, Vinícius, Breno, Pedro, Heitor e Diego, pela parceria e apoio ao longo dessa caminhada. Aos amigos de fora da universidade, Sofia, Márcia, Fernanda, Taís, Rebeka Hanna e Carlos Kleber, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo força e encorajamento. À Isabela, por me orientar sobre a importância da atuação política dentro e fora da universidade. Ao meu orientador, Dr. Marcos Paulo Souza Novais, e ao meu coorientador, Dr. Pedro Paulo Souza Rios, pela confiança, dedicação e contribuição essencial para minha formação.

Por fim, dedico este trabalho, com amor e saudade, à memória da minha avó e do meu irmãozinho Artur, que sempre serão minha inspiração. A todos que, de alguma forma, fizeram parte desse processo, minha mais sincera gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa investiga: De que maneira as vivências no Estágio Supervisionado em Geografia II, na Associação Amigos da Casa Rebeca, contribuem para a formação docente? Com o objetivo de compreender como as experiências, em espaços não formais, auxiliam para a formação docente, especialmente em contextos socioeconômicos vulneráveis. O estudo adota uma abordagem qualitativa e utiliza a narrativa autobiográfica como método. Realizado no bairro quilombola da Bananeira, em Jacobina-BA, o Estágio Supervisionado II envolveu práticas educativas contextualizadas com crianças da comunidade, trabalhando com oficinas pedagógicas utilizando conceitos de espaço, lugar e território, abordando desafios sociais, econômicos e raciais. Os resultados evidenciam que a vivência no estágio não apenas promoveu reflexões críticas sobre a prática pedagógica e a educação popular, mas também reforçou a importância de uma abordagem formativa transformadora e sensível às realidades locais para a formação de professores em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação Docente; Espaços não formais; Oficinas Pedagógicas.

ABSTRACT

This research investigates: How do the experiences in the Supervised Internship in Geography II at Associação Amigos da Casa Rebeca contribute to teacher training? The aim is to understand how experiences in non-formal spaces aid in teacher training, especially in socioeconomically vulnerable contexts. The study adopts a qualitative approach and uses an autobiographical narrative as a method. Conducted in the quilombola neighborhood of Bananeira, in Jacobina-BA, the Supervised Internship II involved educational practices contextualized with children from the community, working with pedagogical workshops using concepts of space, place, and territory, addressing social, economic and racial challenges. The results highlight that the internship experience not only promoted critical reflections on pedagogical practice and on popular education, but also reinforced the importance of a transformative and sensitive formative approach to local realities for teacher training in vulnerable contexts.

Keywords: Supervised Internship; Teacher Education; Non-formal Spaces; Pedagogical Workshops

RESUMEN

Esta investigación indaga: ¿De qué manera las vivencias en la Beca Supervisada el Estágio Supervisionado en Geografía II, en la Asociación Amigos da Casa Rebeca, contribuyen a la formación docente? El objetivo es comprender cómo las experiencias en espacios no-formales ayudan en la formación docente, especialmente en contextos socioeconómicos vulnerables. El estudio adopta un enfoque cualitativo y utiliza la narrativa autobiográfica como método. Realizado en el barrio quilombola de Bananeira, en Jacobina-BA, la Beca Supervisada el Estágio Supervisionado II involucró prácticas educativas contextualizadas con niños de la comunidad, trabajando con talleres pedagógicos utilizando conceptos de espacio, lugar y territorio, abordando desafíos sociales, económicos y raciales. Los resultados evidencian que la experiencia en la beca el internado no solo promovió reflexiones críticas sobre la práctica pedagógica y la educación popular, sino que también reforzó la importancia de un enfoque formativo transformador y sensible a las realidades locales para la formación de docentes en contextos de vulnerabilidad.

Palabras clave: Prácticum Supervisado; Formación Docente; Espacios no-formales; Talleres Pedagógicos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa Rebeca	21
Figura 2 - Recanto	22
Figura 3 - Desenho do cigarro eletrônico (vape)	24
Figura 4 - Elementos que as crianças gostavam	27
Figura 5 - Atividade realizada por um oficinando	28

SUMÁRIO

1 TECENDO HORIZONTES	11
2 ENTRE TRILHAS E DESCOBERTAS: CAMINHOS ANTES DA GRADUAÇÃO	13
3 ONDE A EDUCAÇÃO SE TESTA E SE TRANSFORMA: O ESTÁGIO COMO ESPAÇO VIVO	16
3.1 OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO FERRAMENTAS DA EDUCAÇÃO POPULAR/CONTEXTUALIZADA	Erro! Nenhum nome foi dado ao indicador.
4 PLANEJAMENTO E DESAFIOS NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS	20
5 CONSIDERAÇÕES	31
REFERÊNCIAS	32

1 TECENDO HORIZONTES

A formação docente é um processo pluridimensional, que exige a integração entre teoria e prática, pois a teoria fundamenta a prática e a experiência prática ressignifica a teoria. Essa relação é necessária para criar uma prática pedagógica crítica e reflexiva. Com isso, os Estágios Supervisionados em Geografia desempenham um papel crucial ao permitir que futuros(as) professores(as) apliquem e reflitam sobre conceitos como espaço, território e lugar, além de enfrentarem desafios reais, como a diversidade cultural dos alunos e os recursos educacionais disponíveis.

A aprendizagem e o ensino transcendem o ambiente formal das escolas e universidades, ocorrendo em uma multiplicidade de espaços ao longo da vida, isso evidencia que o processo educativo não se restringe apenas às instituições formais/escolares, mas se manifesta nas experiências diárias, nas interações sociais e nos contextos diversos. Sob essa ótica, os espaços educativos não formais assumem um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Eles complementam a formação acadêmica/formal, proporcionando experiências práticas e vivências reais que potencializam o aprendizado, ampliam horizontes e conectam o conhecimento teórico ao cotidiano de maneira dinâmica e significativa.

Libâneo (2010) define a educação formal como estruturada e sistematizada, enquanto a educação não formal, apesar de ser intencional, apresenta menor estruturação. Essa última inclui atividades em movimentos sociais, trabalhos comunitários e espaços culturais. Gohn (2006) amplia essa perspectiva, destacando que a educação não formal envolve aprendizado político, desenvolvimento de habilidades profissionais e práticas comunitárias.

Nesse contexto, Hooks (2013) e Freire (2004) apontam a importância de uma pedagogia alternativa, que se alinha às demandas sociais e tem um caráter emancipatório. Essa abordagem valoriza saberes diversos e propõe uma renovação tanto no campo teórico quanto nas práticas pedagógicas, rompendo com os modelos tradicionais de ensino e criando novas formas de aprendizado. Assim, tanto a educação formal quanto a não formal, quando articuladas dentro dessa perspectiva, podem contribuir para uma educação mais crítica, transformadora e profundamente conectada com as realidades sociais.

O Estágio Supervisionado II em Geografia, componente curricular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, em Jacobina, no Território de Identidade Piemonte da Diamantina, é realizado em espaços não formais. Ele envolve a reestruturação, execução e relato de um projeto de intervenção pedagógica iniciado no Estágio Supervisionado I. Neste primeiro estágio, o aluno identifica um tema de interesse, realiza observações em escolas e comunidades e elabora propostas de ação para serem desenvolvidas no Estágio II. Ambos os estágios possuem uma carga horária total de 105 horas.

No curso de Licenciatura em Geografia, o estágio supervisionado é essencial para a formação docente, estruturado em fases que integram teoria e prática. O Estágio Supervisionado I tem caráter investigativo, focado na observação e análise do contexto educacional. Já no Estágio Supervisionado II, o aluno aplica suas propostas pedagógicas, vivenciando o planejamento, a mediação e a avaliação das atividades. Acompanhado por professores orientadores e, em alguns casos, articulado com projetos de extensão, o estágio possibilita ao futuro professor uma experiência prática enriquecedora, preparando-o para atuar de forma crítica e eficiente no ensino de Geografia em diferentes contextos.

Durante este estágio, escolhemos os locais de atuação e as atividades que serão implementadas, proporcionando-nos uma experiência prática e diversificada. Os espaços não formais apresentam dinâmicas distintas dos espaços educacionais formais, exigindo rápida adaptação e desafiando-nos a sair da zona de conforto. Essa vivência desenvolve habilidades como flexibilidade e criatividade, essenciais para a prática docente. Além disso, a interação com diferentes contextos e públicos amplia a compreensão das realidades educacionais e enriquece a construção da identidade docente.

Considerando as possibilidades que o Estágio Supervisionado II oferece, esta pesquisa tem como objetivo compreender como essas experiências de estágio, realizadas em espaços não formais, contribuem para a formação docente, especialmente em contextos socioeconômicos vulneráveis, como o do bairro quilombola da Bananeira, em Jacobina-BA, onde se localiza a Associação Amigos da Casa Rebeca, local em que o estágio foi realizado.

A Casa Rebeca se dedica ao assistencialismo por meio de práticas de educação popular e contextualizada, voltadas para as crianças da comunidade. Esse cenário particular, marcado por desafios sociais e econômicos, oferece uma

oportunidade única de análise sobre a relevância de práticas educativas em espaços não formais para a formação docente.

A partir desse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte questão: De que maneira as vivências no Estágio Supervisionado em Geografia II, na Associação Amigos da Casa Rebeca, contribuem para a formação docente? A investigação procurou analisar como as atividades desenvolvidas no estágio, especialmente as oficinas pedagógicas, impactaram na formação pessoal, profissional e reflexiva de quem vos escreve, além de apontar os desafios e aprendizagens resultantes dessa experiência de ensino.

Este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, conforme defendida por Yin (2016), que apresenta cinco características essenciais desta pesquisa. Para investigar o impacto do estágio na formação docente e nas práticas educativas, foi escolhido o método narrativo (auto)biográfico. Essa abordagem metodológica possibilitou uma análise aprofundada ao considerar tanto as experiências e reflexões dos participantes quanto as do próprio pesquisador. A narrativa autobiográfica possibilita a articulação entre as vivências pessoais e as teorias que fundamentam a formação docente, criando uma ponte entre as percepções individuais e os processos coletivos de ensino e aprendizagem em contextos não formais.

2 ENTRE TRILHAS E DESCOBERTAS: CAMINHOS ANTES DA GRADUAÇÃO

A construção da identidade é um processo contínuo, moldado pelas experiências e reflexões ao longo da vida. No contexto educativo, revisitar essas experiências permite integrar o aprendizado pessoal ao desenvolvimento acadêmico, promovendo uma compreensão crítica da própria trajetória. A narrativa autobiográfica, assim, torna-se uma ferramenta primordial para esse processo de autoconhecimento e reflexão.

Conforme Josso (2004), a narrativa autobiográfica é um projeto construído ao longo da vida, envolvendo o conhecimento sobre quem somos, o que pensamos, fazemos e valorizamos em nossa relação consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. Essa abordagem é eficaz no contexto educativo, pois estimula os narradores a refletirem criticamente sobre suas trajetórias e aprender com suas experiências. Para entender meu percurso até aqui, é necessário revisar minhas experiências de vida, que contextualizam o que escrevo neste trabalho.

Nasci e cresci na comunidade de Cachoeira Domingos Lopes, em Morro do Chapéu. Minha infância foi marcada por dores e amores familiares, tornando a escola meu lugar de refúgio, eu me encantava com os professores, que para mim, eram detentores de todo conhecimento, eu ficava maravilhado ao aprender algo novo. Desde cedo, aprendi a equilibrar trabalho e estudo, mesmo que isso, às vezes, prejudicasse um dos dois, mas sempre acreditando que a educação seria o caminho para alcançar novos horizontes.

Minha trajetória escolar passou por diferentes localidades: o Ensino Fundamental I em Cachoeira Domingos Lopes, na comunidade rural de Morro do Chapéu-Ba, o Fundamental II em Várzea Nova-Ba e o Ensino Médio no distrito de Fedegosos, do município de Morro do Chapéu.

As mudanças foram motivadas principalmente por questões de saúde, fui para Várzea Nova devido ao acompanhamento psicológico e psiquiátrico, depois retornei a Cachoeira e, por decisão materna, conclui o Ensino Médio em Fedegosos, em um colégio que na época disponibilizava boa infraestrutura e qualidade educacional, mas para frequentar as aulas, enfrentava uma rotina diária de viagens de ônibus.

Ao concluir o Ensino Médio, decidi ser professor, mas não tinha entendimento sobre como seguir esse caminho. Fiz matrícula em uma faculdade particular, mas não era o que esperava. Foi então que uma professora do 1º ano do Ensino Médio sugeriu que eu tentasse ingressar na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e se prontificou a pagar a minha inscrição para o vestibular desta instituição, resultando em aprovação, trazendo esperança e alegria, em um momento em que me sentia emocionalmente abalado.

Animado com essa nova fase, fui à cidade Jacobina, local onde tem um departamento da UNEB, para resolver os trâmites necessários e preparar minha nova vida, pois ali passaria os próximos quatro anos da graduação. Após concluir a matrícula, novos desafios rapidamente surgiram: Onde iria morar? Onde poderia trabalhar para me sustentar? Uma vez que eu já não dependia dos meus pais desde que saí de casa aos 15 (quinze) anos e o curso era no período vespertino. Devido ao custo de vida em Jacobina ser mais alto em comparação com Cachoeira Domingos Lopes, precisei alugar uma casa com uma colega para ter menos gastos, e tudo parecia caminhar, mas logo em seguida veio a quarentena de 15 (quinze) dias devido à pandemia de COVID-19, que acabou se estendendo por 2 (dois) longos anos.

Permaneci em Jacobina até novembro de 2020, convivendo com a mesma insegurança e incerteza que todos os demais sentiam. Em novembro, já de volta a Cachoeira Domingos Lopes, recebi um *e-mail* com o *link* para minha primeira aula, na chamada "oferta especial," um formato acelerado em que duas disciplinas foram ministradas em um único mês. Foi um mês desafiador, conciliar o equivalente a um semestre em tão pouco tempo, sendo que eu ainda não compreendia bem o mundo universitário, e os próprios professores estavam se adaptando ao ensino remoto.

Depois dessa oferta especial, o primeiro e segundo semestre da graduação continuaram na modalidade *on-line*, em 2021, ainda devido à pandemia. A dificuldade era grande, como eu poderia estudar, fazer trabalhos acadêmicos, e manter boas notas apenas com o celular? E, além disso, trabalhar e sobreviver em meio à pandemia? Essas eram perguntas para as quais, naquele momento, eu não tinha respostas.

Com o avanço da vacinação contra a pandemia em 2022, houve uma flexibilização das regras sanitárias, retornei a Jacobina e entrei no terceiro semestre como calouro. Ao final do quarto semestre, conquistei uma vaga na Residência Universitária, o que aliviou a preocupação com o aluguel e me permitiu dedicar-me integralmente aos estudos.

A paixão inicial pela educação começou a ser questionada ao chegar ao quinto semestre, a certeza de ser professor já não era tão sólida, mas mal sabia eu que a experiência no Estágio Supervisionado II transformaria minha visão, fazendo-me reviver o encanto pela educação e compreender seu poder de transformação. Essa experiência de estágio atua como um verdadeiro filtro, selecionando aqueles que realmente possuem o desejo de se tornar professores e colocando à prova sua resiliência e determinação.

Larrosa (2011) conceitua esse momento como um movimento de exteriorização e retorno a si mesmo, onde nos expomos ao mundo e somos profundamente impactados internamente. O estágio foi um processo dinâmico que remodelou minha perspectiva sobre o ensino e sobre mim, mostrando que ensinar também significa ser constantemente transformado. Assim, a prática educacional revelou a interdependência entre a ação no mundo e a transformação interior.

Esse movimento de exteriorização e retorno a si mesmo destaca a educação como um processo de constante transformação, tanto para o educador quanto para o educando. Ao nos expormos ao mundo e ao contato com o outro, somos desafiados

a repensar nossas crenças e práticas. O ensino, assim, se revela como uma troca contínua de experiências, onde a ação no mundo e a transformação interior estão intimamente conectadas.

3 ONDE A EDUCAÇÃO SE TESTA E SE TRANSFORMA: O ESTÁGIO COMO ESPAÇO VIVO

O estágio se configura como um espaço vivo, onde a educação ganha forma e se transforma continuamente. Nesse ambiente dinâmico nós temos a oportunidade de aplicar os conceitos teóricos adquiridos ao longo da nossa formação acadêmica, e antes dela, em situações reais de ensino.

Conforme a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Brasil, 2008), regulamenta o estágio de estudantes no Brasil, estabelecendo diretrizes importantes para a prática profissional supervisionada. Ela define o estágio como um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante.

O estágio deve sempre estar vinculado ao processo pedagógico e ao projeto de formação do estudante, assegurando que ele tenha a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos na instituição de ensino em um ambiente real de trabalho. Validando o que a Lei nº 11.778 defende, Pimenta e Lima (2004, p. 61), afirmam que, "o estágio como eixo curricular central na formação de professores possibilita a construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias ao exercício docente."

Com isso, a importância do estágio na formação de professores não é apenas uma prática complementar, mas um componente central que contribui para a construção da nossa identidade profissional docente.

O estágio pode ser descrito como um espaço privilegiado, onde os futuros(as) professores(as) podem integrar teoria e prática, desenvolver seus saberes pedagógicos, e adotar posturas que serão essenciais em seu exercício profissional. Além de nos preparar profissionalmente para a sala de aula, o estágio contribui para o amadurecimento pessoal e para compreensão crítica das práticas educativas, formando profissionais mais reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade.

Saviani (2014) defende que a prática pedagógica deve estar intimamente ligada ao contexto dos alunos para ser eficaz e promover a transformação. Esta perspectiva é necessária para a formação docente, pois sugere que os futuros professores não devem apenas transmitir conhecimentos teóricos, mas também compreender e responder às necessidades específicas dos contextos em que atuam.

Nesse ambiente, nós, futuros(as) docentes, temos a oportunidade de enfrentar as reais necessidades da educação em diversos contextos. Esse confronto nos proporciona uma visão ampla e crítica sobre a função social dos espaços educacionais, formais e não formais, destacando a importância de entender o papel do educador, não apenas como um transmissor de conhecimentos, mas como um agente de transformação social.

Ao nos engajarmos com as realidades e desafios específicos desses contextos, conseguimos refletir sobre como nossas práticas pedagógicas podem ser ajustadas para promover mudanças significativas e contribuir para o avanço integral dos alunos. Portanto, o estágio se torna um espaço imperativo para o aprimoramento da nossa formação, permitindo-nos vivenciar e compreender as complexidades do papel docente e a relevância de nossa atuação em um contexto educacional mais amplo.

De acordo com Callai (2005), compreender o mundo vai além da simples análise de mapas. É necessário considerar a vida cotidiana, que reflete tanto nossas utopias quanto às limitações impostas pela natureza e pela sociedade em seus aspectos culturais, políticos e econômicos.

A leitura do mundo deve complementar a interpretação das experiências e realidades vividas no cotidiano das pessoas. Isso requer entender não apenas as representações geográficas, mas também as utopias e idealizações que moldam os objetivos das pessoas, assim como os limites impostos por fatores naturais e sociais. Esses limites podem ser relacionados tanto ao âmbito da natureza, como os desafios ambientais, quanto ao âmbito da sociedade, envolvendo questões culturais, políticas e econômicas.

Desta forma, compreender o mundo envolve tanto os aspectos concretos, que podem ser observados e quantificados, quanto os aspectos subjetivos e abstratos, que são baseados em sentimentos, opiniões e relações sociais. A verdadeira compreensão surge da integração dessas duas dimensões: a objetiva,

tangível/mensurável e a subjetiva, intangível, que refletem a complexidade da experiência humana e dos contextos sociais.

3.1 OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO FERRAMENTAS DA EDUCAÇÃO POPULAR/CONTEXTUALIZADA

As oficinas pedagógicas em contextos distantes da educação formal, têm se mostrado poderosas ferramentas de transformação social e cultural.

A educação deixa de ser algo distante e teórico, ganhando contornos práticos e inseridos no cotidiano dos participantes, criando um ambiente propício para a construção de conhecimento de forma colaborativa e crítica partindo das vivências e saberes locais

De acordo com Oliveira e Santos (2022), a adoção da oficina pedagógica como instrumento didático promove uma aprendizagem mais significativa, pois exige um maior envolvimento dos participantes no processo de construção do conhecimento, de maneira dinâmica e interativa. As autoras ressaltam que, assim como qualquer atividade didática, a oficina pedagógica também demanda planejamento e organização, sempre levando em consideração a base teórica epistemológica durante sua execução.

A oficina pedagógica transforma-se em uma ferramenta metodológica de grande eficácia, capaz de transformar a experiência de aprendizagem em um processo mais imersivo e colaborativo. Ao solicitar um maior envolvimento dos participantes, a oficina propicia uma interação contínua entre saberes diversos, promovendo uma construção conjunta do conhecimento. Essa dinâmica, ao mesmo tempo prática e reflexiva, transcende a mera transmissão de conteúdo e estimula a participação ativa, proporcionando uma aprendizagem mais profunda e duradoura.

Além disso, a menção à necessidade de planejamento e organização fundamentados em bases teóricas epistemológicas reforça a ideia de que a oficina não se limita a um momento de improvisação ou execução mecânica. Pelo contrário, há uma forte ancoragem em um planejamento, que exige a articulação entre teoria e prática. Dessa forma, as oficinas se configuram como espaços de mediação crítica,

em que o conhecimento teórico é constantemente tensionado e ressignificado a partir das experiências práticas dos envolvidos.

Santos e Ferreira (2022) ressaltam as oficinas pedagógicas como uma metodologia ativa e interativa, que promove projetos educativos e aprendizagens significativas ao incentivar a participação efetiva e dinâmica de todos os envolvidos.

Essa visão reforça a importância das oficinas como ferramentas práticas para o ensino de Geografia, permitindo que teoria e prática se conectem em um ambiente de aprendizado colaborativo. Ao valorizar a interação e o protagonismo dos participantes, os autores apontam para o potencial dessas atividades em fomentar conhecimentos mais profundos e contextualizados.

Esse aspecto metodológico reflete a ideia de aprendizagem dialógica de Paulo Freire (2004, p 39), quando afirma que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa.” Enfatizando a ideia de que o processo educativo é uma via de mão dupla, onde o aprendizado é mútuo e dinâmico. O educador, ao ensinar, também aprende com seus alunos, criando um ambiente de troca e coaprendizagem.

Essa perspectiva é corroborada por outros autores que discutem a importância da educação contextualizada e popular, que aponta a necessidade de uma educação que respeite e integre as realidades e conhecimentos locais, como Bell Hooks (2013), que fala sobre a importância do diálogo na prática educativa. Desta forma, as oficinas pedagógicas se tornam espaços privilegiados para a formação crítica e transformadora, onde todos os participantes são coautores do conhecimento.

E, ainda segundo Hooks (2013), a educação passa a representar um instrumento fundamental para a emancipação pessoal e coletiva, sendo capaz de estimular os estudantes a desafiar normas sociais, refletir sobre sua realidade e promover mudanças em suas vidas e em suas comunidades. Assim, essas práticas educativas não apenas contribuem para a construção do saber, mas também para a transformação social e individual.

A educação popular e educação contextualizada são elementos basilares nas oficinas pedagógicas, pois permitem a construção do conhecimento a partir das especificidades culturais, históricas e sociais de cada lugar. Nesses espaços, a dinâmica de aprendizado não é caracterizada por uma relação de poder, mas sim por um intercâmbio horizontal entre oficinandos eicineiros.

A educação popular e a educação contextualizada compartilham a premissa de que o processo educativo deve ser profundamente conectado às realidades e necessidades dos sujeitos envolvidos. Na concepção de Paulo Freire, a educação popular visa a transformação social por meio da conscientização crítica dos oprimidos. Ela é baseada no diálogo e na valorização dos saberes populares, reconhecendo o povo como protagonista de sua própria emancipação. Essa abordagem educacional enfatiza a importância de um processo de aprendizagem que envolva ativamente os indivíduos, permitindo-lhes compreender e transformar sua realidade social (Freire, 1970).

Por outro lado, a educação contextualizada se fundamenta no princípio de que o ensino deve dialogar diretamente com a realidade local. Ela visa adaptar os conteúdos escolares às especificidades regionais e culturais dos estudantes, promovendo um aprendizado que faça sentido para a vida cotidiana.

A adoção da prática pedagógica contextualizada é necessária, pois sua importância reside na compreensão de que essa forma de educação é um elemento crucial no processo de formação humana. O ato de ensinar deve ir além da mera escolarização e da transmissão de informações, deve ser visto como uma práxis social (Freire, 2004). Essa abordagem reforça a ideia de que a educação deve ser um processo interativo e reflexivo, em que educadores e educandos colaboram na construção do conhecimento.

4 PLANEJAMENTO E DESAFIOS NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

Para a execução das oficinas pedagógicas, foi desenvolvido o projeto de intervenção intitulado “Análise do Espaço Geográfico através de imagens, desenhos, fotografias e experiências”, realizado na Associação Amigos da Casa Rebeca, situada no bairro quilombola da Bananeira, em Jacobina-BA. O bairro, reconhecido como um quilombo urbano, é um símbolo de resistência e preserva uma rica herança histórica e cultural, conectando a comunidade às suas raízes ancestrais. Contudo, enfrenta desafios como a ausência de investimentos públicos em infraestrutura, saúde, educação e saneamento, o que reforça desigualdades históricas e dificulta o reconhecimento pleno dos quilombos urbanos como patrimônio cultural brasileiro.

A Casa Rebeca tem uma história marcada por desafios e superação, criada em homenagem a Rebeca, uma criança que enfrentou condições de extrema pobreza

e fome, sua trajetória tornou-se símbolo das desigualdades sociais. Após a morte precoce de Rebeca, mobilizada pela comunidade e com o apoio do Padre Josef Hehenberguer Oscist, a mãe da Rebeca e a coordenadora, que está a frente do projeto desde o início, a Casa Rebeca foi fundada com o lema “*Aqui ninguém é expulso*”, transformando a tragédia em um espaço de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Desde então, a instituição promove apoio educacional e emocional, enfatizando os direitos e deveres dos jovens por meio de um trabalho baseado na afetividade.

Hoje, a Associação acolhe mais de 80 crianças e dispõe de dois ambientes principais: a “Casa Rebeca”, uma residência adaptada para acolher as crianças, figura 1.

Figura 1 - Casa Rebeca



Fonte: Autor, outubro de 2023.

E o “Recanto”, um local mais amplo voltado para brincadeiras, repleto de elementos naturais, figura 2. Um espaço composto por um campo de futebol, árvores, gangorras, e até mesmo um riacho que atravessa a área, foi palco de 6 (seis) oficinas pedagógicas, exceto a primeira, que ainda foi realizada na casa, quando a mesma estava em reforma.

Figura 2 - Recanto



Fonte: Autor, outubro de 2023.

As oficinas ocorriam semanalmente, às quintas-feiras, no turno matutino, das 08:00h às 11:00h. Esse período coincidia com o contraturno escolar, o que permitia às crianças passar a manhã na associação, dedicando-se às atividades, e frequentar a escola formal no turno vespertino. O grupo de participantes foi composto por crianças de múltiplas idades, entre 5 (cinco) e 14 (quatorze) anos, proporcionando um ambiente diversificado de ensino

Depois da observação, sete oficinas foram realizadas com o objetivo geral de conectar as vivências cotidianas dos participantes com a Geografia, promovendo a valorização do lugar onde vivem por meio de imagens, desenhos e fotografias.

Entre os objetivos específicos do projeto de intervenção, destacaram-se: apresentar de forma prática e dinâmica o uso das imagens como ferramenta de análise geográfica, vinculando-as às experiências dos alunos; estimular nas crianças e adolescentes uma percepção mais crítica e apurada sobre os problemas que os cercam utilizando fotografias do próprio bairro; realizar um ensaio fotográfico para fortalecer a valorização da identidade individual e coletiva; promover a valorização do bairro Bananeira e demonstrar como as imagens funcionam como representações visuais da realidade.

Cada oficina foi concebida como um espaço dinâmico de criação, reflexão e empoderamento, no qual o conhecimento geográfico emergiu de maneira orgânica e integrada às vivências pessoais dos participantes. Em cada encontro, os alunos eram estimulados a explorar os conceitos geográficos como espaço, território, lugar e

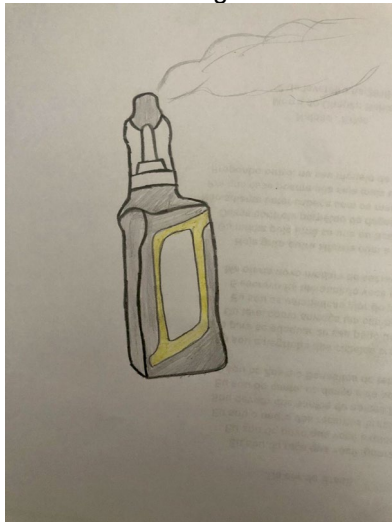
pertencimento, enquanto revisavam suas próprias realidades com uma nova lente, crítica e reflexiva. A seguir, faço a descrição das oficinas realizadas, destacando a riqueza dos conteúdos, a abordagem contextualizada e as dificuldades de cada oficina.

A primeira atividade do dia na Casa Rebeca, conforme as regras da associação, era realizar uma oração junto às crianças, pedindo uma manhã abençoada. Somente após esse momento de preparação iniciamos as atividades pedagógicas. Na oficina inicial, os oficinasandos tiveram a oportunidade de expressar suas percepções sobre o seu lugar através de desenhos, ilustrando o que mais apreciavam em seu bairro. Ao observar a relação das crianças com suas criações e acolher as histórias que traziam, busquei evidenciar a importância do Lugar, a partir das vivências que compartilhavam em sala de aula.

Alguns oficinasandos desenharam o campo do bairro, o riacho que o atravessava, sua casa, seu quarto e até o celular. Mas um desenho em especial chamou minha atenção: um aluno de 13 anos desenhou um cigarro eletrônico (*vape*), um dispositivo que aquece um líquido com nicotina e aromas para criar um vapor inalável, visto como alternativa ao cigarro tradicional, conforme figura 2, mas que também traz riscos à saúde devido à presença de nicotina e outras substâncias. Ele afirmou que o que mais gostava de fazer no bairro era usá-lo.

Fiquei sem reação, pois não imaginava que, já no primeiro dia da oficina, me depararia com uma realidade tão exposta e, para ele, aparentemente normal. Naquele momento, percebi que este estágio não se resumiria apenas à aplicação de uma oficina, mas que iria muito além.

Figura 3 - Desenho do cigarro eletrônico (vape)



Fonte: Autor, setembro de 2023.

Pensei que ver o desenho do cigarro eletrônico fosse o ponto mais inusitado do primeiro dia, mas a situação mudou drasticamente quando fomos para o momento de lazer no Recanto. Enquanto os alunos brincavam, dois estudantes de idades diferentes, um de 14 anos e outro de 10, começaram a brigar. Como estagiários, somos instruídos a não intervir diretamente em brigas, devendo, em vez disso, chamar a direção.

Porém, ao tentar apartar a situação, uma funcionária da instituição levou uma cotovelada no queixo e ficou tonta. Neste momento, percebi que não poderia deixar as duas crianças naquela situação, então decidi segurar o aluno de 14 anos, enquanto minha dupla de estágio tentava conter o de 10. Para complicar ainda mais a situação, o irmão do aluno mais novo entrou na briga, o que tornou o controle do conflito ainda mais difícil. Após um esforço significativo, conseguimos separar todos, mas não sem alguns contratemplos, minha dupla de estágio levou um chute no braço, meu ombro acabou deslocado, e meus óculos quebraram no processo.

A violência vivenciada no espaço educativo é fortemente influenciada por desigualdades estruturais e relações de dominação e poder, que frequentemente se manifestam quando alunos mais fortes fisicamente impõem sua vontade sobre os mais fracos. Essa dinâmica reflete as desigualdades sociais e culturais existentes dentro da própria sociedade, reproduzindo exclusões e hierarquias presentes na sociedade.

Nesse sentido, Nunes e Abramovay (2003) destacam que a violência nos espaços educativos está ligada a uma multiplicidade de fatores. Entre eles, gênero,

idade, etnia, contexto familiar, ambiente externo, insatisfação com a gestão pública, exclusão social e o exercício de poder. Dessa forma, os espaços educativos tornam-se um microcosmo onde as desigualdades estruturais da sociedade se refletem e, ao mesmo tempo, podem ser desafiadas.

Ao final da oficina, fui confrontado com uma reflexão significativa: como continuar o estágio em um ambiente que me afetou tão profundamente? O impacto emocional e físico dessa experiência me levou a considerar desistir. No entanto, após uma pausa para refletir, decidi seguir em frente e enfrentar o desafio até o fim.

Essa decisão ressoou com a perspectiva de Pimenta (1997), que argumenta que a formação docente é construída no confronto entre teorias e práticas, na análise crítica das práticas à luz das teorias existentes e na elaboração de novas teorias. Essa construção também está profundamente ligada ao significado que cada professor atribui à sua atividade docente, moldado por seus valores, visão de mundo, história de vida, representações, saberes, angústias e aspirações. Para Pimenta, ser professor é mais do que uma prática técnica; é um processo pessoal e contextual que envolve identidade, subjetividade e um compromisso ético com o mundo.

Ainda assim, não podia negar que essa experiência desafiou profundamente minhas perspectivas sobre a docência, levando-me a repensar minhas escolhas e a questionar minha preparação para enfrentar desafios como esse de forma recorrente. Será que estou realmente pronto para lidar com essas situações? Será que, de fato, quero continuar nesse caminho?

Embora tenha decidido seguir em frente, o episódio despertou em mim um misto de desânimo e incertezas sobre a continuidade na profissão, deixando difíceis reflexões sobre meu futuro como educador. No entanto, essas dúvidas, embora inquietantes, também se tornaram um convite para fortalecer minha determinação e ressignificar minha jornada docente.

Segunda Oficina - Identificação do Lugar a Partir de Imagens: A segunda oficina teve como objetivo trabalhar o conceito de lugar por meio de imagens e fotografias selecionadas. Os alunos foram convidados a identificar e refletir sobre o significado dos lugares que conhecem, conectando suas memórias e vivências ao estudo da Geografia. Esse exercício visual fortaleceu sua capacidade de leitura e interpretação dos espaços, promovendo uma compreensão mais profunda sobre o ambiente ao seu redor.

Apesar do receio inicial, considerando os desafios enfrentados na oficina anterior, decidimos dar prosseguimento à proposta. No entanto, enfrentamos um novo obstáculo: manter a atenção das crianças em um ambiente em reforma, já que a associação onde ocorria a atividade estava em condições caóticas.

Para contornar essa dificuldade e despertar o interesse dos alunos, utilizamos fotografias de locais e figuras públicas com as quais eles tinham familiaridade e apreço (Figura 4). Conversar sobre personagens e lugares significativos para eles tornou a explicação do conteúdo mais envolvente e dinâmica, facilitando a realização das atividades planejadas.

Essa experiência trouxe reflexões relevantes sobre como abordar o conceito de lugar, entendido como sinônimo de segurança e espaço valorizado, conforme defendido por Oliveira (2014). Diante dos conflitos que permeiam as esquinas do bairro, surge o desafio de ressignificar esses espaços para as crianças. Além disso, como promover a valorização do bairro quando o próprio poder público não apenas negligência, mas também contribui para seu abandono?

Para isso, foi essencial incorporar a criticidade no processo pedagógico, ensinar as crianças a compreenderem as causas estruturais do abandono do bairro, promovendo debates sobre direitos, cidadania e políticas públicas. Ampliando sua visão de mundo e as incentiva a reconhecer seu papel como agentes de mudança, mesmo em condições adversas.

Trabalhar o conceito de lugar, nesse contexto, foi um convite a repensar a relação entre educação, território e cidadania, apostando na capacidade das crianças de construir sentidos de pertencimento e valorização em meio aos desafios. E, apesar das dificuldades, a oficina transcorreu de maneira tranquila, sem imprevistos, mostrando que mesmo em condições adversas é possível criar momentos significativos de aprendizado e conexão com o território.

Após a atividade, tivemos uma conversa com a diretora e coordenadora da associação, que nos parabenizou pela condução da oficina e sugeriu que continuássemos com essa abordagem. Ela também nos informou que as crianças já haviam dado um retorno positivo sobre as oficinas, relatando que estavam gostando das atividades. Esse retorno nos encorajou a seguir em frente com mais confiança, ajustando nossas estratégias conforme necessário para manter o engajamento dos alunos.

Figura 4 - Elementos que as crianças gostavam



Fonte: Autor, setembro de 2023.

Terceira oficina - Contemplando a natureza, expressão artística pela apreciação dos elementos naturais encontrados no Recanto: Os alunos, durante uma experiência sensorial de apreciação da natureza, foram levados a criar expressões artísticas inspiradas nos elementos naturais ao seu redor. A oficina focou em estimular a sensibilidade ambiental e o olhar atento à beleza e importância dos recursos naturais, promovendo uma compreensão mais afetiva e ecológica do espaço geográfico.

Como estávamos trabalhando em um espaço aberto, nesta oficina decidimos aproveitar os elementos disponíveis no Recanto para incentivar a expressão artística das crianças. Deixamos que cada uma se expressasse livremente, utilizando os materiais e elementos naturais que considerassem necessários para suas criações.

Nesse dia, tivemos uma surpresa muito positiva, um aluno que geralmente demonstrava resistência para participar das atividades mostrou um interesse genuíno em se envolver. Ver sua iniciativa e vontade de criar me trouxe uma grande satisfação. O entusiasmo dele foi tão contagiante que a própria mãe, ao saber do trabalho que ele realizou, ficou visivelmente emocionada. Ela pediu, inclusive, para levar a criação dele para casa (figura 5), como uma recordação especial daquele momento.

Esse episódio trouxe um sentimento de gratificação e renovou a confiança no impacto positivo que as oficinas poderiam ter, não apenas para as crianças, mas também para as famílias.

Figura 5 - Atividade realizada por um oficinando



Fonte: Autor, outubro de 2023.

Quarta oficina: Representar através da pintura nosso lugar, Jacobina-BA e o Nordeste com animais, árvores, pessoas, lugares, etc.

Nesta atividade, os alunos pintaram suas visões sobre Jacobina, o Nordeste, e seus símbolos culturais e ambientais. Através da arte, puderam refletir sobre as particularidades da sua região, conectando o aprendizado geográfico às tradições locais e ao modo de vida da comunidade. Conforme as oficinas avançavam, a aplicação das atividades se tornava gradualmente mais fácil e natural. No entanto, a cada dia também se revelava o quanto era difícil, para algumas crianças, simplesmente estar ali. Em muitos momentos, além de oficinairo e estagiário, eu me via oferecendo apoio emocional, algo que me tocava profundamente.

À medida que criava vínculos com as crianças, ficava mais impactado ao compreender a realidade que enfrentavam. Para alguns, a ida à associação não era apenas para participar das atividades, mas uma oportunidade de receber uma refeição pela manhã. Isso me gerava uma inquietação constante: como ensinar que o espaço é, ao mesmo tempo, produto e produtor, determinante e determinado (Santos, 1978), quando as crianças chegavam com fome, em busca de algo para comer? Essa realidade desafiava minha prática e reforçava meu compromisso em transformar as oficinas em ambientes acolhedores e significativos, mesmo diante de tantas adversidades.

Essa realidade evidencia a complexidade apontada por Libâneo (1991), ao destacar que a relação professor-aluno vai além do ensino de conteúdo, envolvendo também a construção de vínculos afetivos e o reconhecimento das necessidades

socioemocionais dos estudantes. Nesse cenário, eu precisava equilibrar minha atuação técnica com resiliência e sensibilidade, adaptando as práticas para que o ensino fizesse sentido e contribuísse para o desenvolvimento integral, mesmo diante de desafios tão profundos.

Os ensinamentos de Paulo Freire (2004) ecoavam em minha mente, a educação não é um simples ato de transferir conhecimento, mas um processo de libertação. Mas como libertar alguém que já nasceu preso por circunstâncias tão duras? Às vezes, me sentia impotente, como se minhas tentativas de trazer uma pequena mudança fossem engolidas pela maré de problemas maiores. Mas, ao mesmo tempo, sabia que cada pequeno gesto contava. Não era sobre mudar o mundo de uma vez, mas sobre plantar sementes, sementes de empatia, de solidariedade e de resiliência.

Quinta oficina - Reciclagem e plantas medicinais a partir de experiências de vida no Bairro da Bananeira: Explorando os conceitos de sustentabilidade e saberes tradicionais, os participantes discutiram e praticaram o uso de plantas medicinais e técnicas de reciclagem. Esta oficina integrou conhecimentos populares sobre o meio ambiente e a saúde com a importância de práticas sustentáveis no contexto da comunidade.

Considerando que muitos conhecimentos tradicionais se perdem com o tempo, essa oficina foi planejada para destacar a importância da reciclagem e das ervas medicinais. Cada criança confeccionou um vaso a partir de uma garrafa PET reciclada e plantou uma muda de erva medicinal. Durante a explicação do tema, abordamos como as plantas medicinais, cultivadas representam saberes antigos que ainda possuem grande valor para a sociedade.

A atividade despertou um interesse especial nas crianças, que expressaram o desejo de levar suas plantinhas como presentes para os avós ou pais. Ver esse entusiasmo me deixou extremamente feliz, pois indicava que a oficina havia sido bem recebida e que elas haviam se conectado ao tema de forma significativa.

Sexta oficina: Aprendendo a fotografar. A oficina de fotografia proporcionou aos alunos o contato com técnicas básicas de captura de imagens. Eles foram orientados a explorar seu ambiente e a registrar aspectos de seu cotidiano através das lentes, desenvolvendo um olhar mais crítico e atento à organização do espaço e às interações nele presentes.

Aproveitando a proximidade com o tema da fotografia, dedicamos esta oficina a ensinar as crianças a fotografar, mas não apenas a "tirar fotos", e sim a captar momentos e expressar sentimentos por meio das imagens. Expliquei que a fotografia tem o poder único de registrar emoções, capturando tanto os momentos bons quanto os desafiadores.

Dividimos as crianças em duplas, e cada uma recebeu a tarefa de fotografar algo no Recanto que chamasse sua atenção, seja algo de que gostassem ou algo que lhes causasse incômodo. Essa dinâmica foi pensada para incentivá-las a observar o ambiente com um olhar crítico, explorando cada canto com cuidado e atenção. Ao final, refletimos juntos sobre suas escolhas e sobre o impacto das imagens que produziram. A oficina não só despertou o interesse pela fotografia, mas também incentivou um olhar mais atento e crítico sobre o espaço ao redor.

Sétima oficina: Ensaio fotográfico "Valorização de quem eu sou". O encerramento das oficinas foi marcado por um ensaio fotográfico, no qual os participantes tiveram a chance de se retratar, destacando sua identidade e origem. Essa atividade reforçou a valorização individual e coletiva, enquanto conectava a autoimagem à geografia do bairro e à vivência no espaço em que habitam.

Na última oficina, continuando com a temática da fotografia, montamos um mini estúdio fotográfico dentro da associação, que agora, após a reforma, já estava em condições de ser utilizado para as atividades. Neste dia, quem assumiu o papel de fotógrafo não fui eu nem minha colega, mas as próprias crianças. Cada uma teve a oportunidade de posar para as fotos, experimentar o papel de fotógrafa e compartilhar o que gostaria de ser quando crescesse.

Foi um momento muito especial ouvir os sonhos e aspirações de cada uma. Alguns meninos, como é comum, queriam ser jogadores de futebol, enquanto outros expressaram o desejo de se tornarem policiais. Entre as meninas, várias desejavam ser digitais *influencers*, e uma em especial sonhava em ser vaqueira e advogada. Ver essas crianças expressando suas ambições e registrando esses momentos no estúdio que elas mesmas ajudaram a construir foi uma experiência gratificante e cheia de significado.

Por meio do ensaio fotográfico, buscamos promover a importância do autoconhecimento e da valorização pessoal, incentivando cada criança a se reconhecer como agente ativa em seu próprio espaço. A oficina não era apenas sobre aprender a fotografar, mas também sobre fortalecer a autoestima e o senso de

pertencimento de cada uma, ajudando-as a enxergar seu valor e seu papel na comunidade.

Os registros dessa experiência foram reunidos em um portfólio, que foi entregue à associação como um gesto de agradecimento e retribuição, mesmo que simbólico. Embora o retorno pudesse parecer simples, ele representa um testemunho do envolvimento e crescimento das crianças, além de uma lembrança do impacto positivo que esse projeto teve em suas vidas e em minha vida.

O último encontro na Casa Rebeca não seguiu o formato habitual das oficinas pedagógicas. Em vez disso, atendendo ao pedido das crianças, organizamos uma manhã de encerramento especial. Como estávamos na época *Halloween*, as crianças expressaram o desejo de participar de uma festa à fantasia, uma experiência que elas nunca haviam vivenciado.

Durante toda a festa à fantasia, estávamos imersos em um clima de alegria e celebração. Levamos lanches e bebidas para compartilhar entre estagiários, crianças e funcionários, em um momento de confraternização que marcou o encerramento de uma jornada intensa. Foram dias desafiadores, mas também de grande aprendizado e crescimento para todos nós.

Ao final do encontro, chegou o momento da despedida. A emoção tomou conta de todos, lágrimas, abraços apertados e a vontade genuína de prolongar aquele momento. As crianças não queriam nos deixar partir, e foi difícil conter a emoção ao perceber o vínculo profundo que construímos.

Aquele adeus não foi apenas o encerramento de uma etapa, mas um reflexo do impacto mútuo que essas experiências deixaram em nossas vidas, em especial para quem não queria seguir na área da docência.

5 CONSIDERAÇÕES

O percurso na Casa Rebeca foi mais do que uma jornada de um estagiário, foi um mergulho profundo em minhas próprias incertezas, em minhas próprias limitações. A educação, aprendi, é muito mais do que ensinar, é aprender com o outro, é crescer junto.

A vivência no Estágio Supervisionado II me mostrou que, a educação é um processo contínuo e profundamente humano, que vai além da simples transmissão de conteúdos escolares.

Atuando em uma comunidade quilombola marcada por desafios sociais, fui levado a repensar meu papel como educador e a encarar barreiras como a fome, a exclusão e a falta de oportunidades.

Neste contexto, ficou evidente para mim que ensinar não é apenas compartilhar conhecimento, mas também acolher e compreender as necessidades básicas dos alunos, cultivando empatia e sensibilidade.

As oficinas pedagógicas, fundamentadas nos princípios da educação popular e contextualizada, foram essenciais para conectar a teoria com as vivências dos alunos. Por meio de atividades que exploraram identidade, pertencimento e sustentabilidade e lugar, percebi que o aprendizado se torna mais significativo quando dialoga com as realidades locais.

Essas experiências reforçaram em mim a importância de construir o conhecimento de forma colaborativa e crítica, inspirando tanto os alunos quanto a mim a olhar o mundo de forma mais reflexiva e transformadora. Esse estágio foi um ponto decisivo na minha trajetória. Em meio às minhas dúvidas sobre seguir ou não na docência, cada desafio enfrentado me testou, mas também reacendeu a paixão que eu sentia pela educação. Entendi que ser professor vai além de dominar conteúdo; é crescer junto com os alunos, é aprender com cada experiência, com isso, me tornar mais flexível e consciente do meu papel social. O contato direto com a comunidade me fez enxergar que a educação não se limita a conceitos abstratos, mas tem o poder de transformar vidas.

Mesmo diante das dificuldades que pareciam intransponíveis, percebi que pequenos gestos pedagógicos podem plantar sementes de esperança e mudança. A cada oficina, vi como era possível fazer a diferença, ainda que em pequenas ações, e como essas experiências impactaram tanto a vida das crianças quanto a minha.

A educação, para mim, passou a ser percebida para mais do que uma profissão, entendo como sendo um ato de resistência e sonho, onde o papel do educador é facilitar sonhos e abrir caminhos, mostrando que, mesmo em contextos adversos, é possível construir novas oportunidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. **Diário Oficial da União, Brasília**, 26 set. 2008. Seção 1, p. 3.

Callai, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. 143 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie Christine: **Experiências de vida e formação**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação**. Reflexão e Ação, vol. 21, n. 2, 2011, p. 59-74.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 153-176. 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: Teoria e Prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do Lugar. In: MARANDOLA Jr, Eduardo., HOLZER, Werther., OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2004 [1978].

NUNES, Miriam de Fátima Rezek; ABRAMOVAY, Miriam. **Escolas inovadoras**: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, São Paulo, v. III, set. 1997, p. 5-14.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2021.310 p.

SANTOS, I. S.; FERREIRA, C. L. Estágio supervisionado em geografia em forma de oficinas pedagógicas: reinventando as práticas em tempos de pandemia da Covid-19. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v.27, e71176, p. 1-24, 2023.

SANTOS, Ivaneide Silva dos; OLIVEIRA, Maria Gabriela Martins de. Oficinas pedagógicas e aprendizagem significativa no ensino de geografia. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 5, n. 3, p. 84-105, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: proposta para o curso de Pedagogia**. São Paulo: Cortez, 2014.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV – JACOBINA-BA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos_08 dias do mês de janeiro de 2025, às 18h 30, reuniram-se na sala <https://meet.google.com/wcr-nmof-hhp?authuser=0> deste Departamento de Ciências Humanas – Campus IV/Jacobina os professores Dr. Marcos Paulo Souza Novais (orientador); Dr. Pedro Paulo Souza Rios (coorientador); examinadores Dr. Marcone Dennys dos Reis Nunes; Msc. Edvaldo Hilário dos Santos para avaliarem o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia intitulado: **Retratos de vida: Experiências do Estágio Supervisionado II em Geografia, na Associação Amigos da Casa Rebeca, Jacobina – BA.** do(a)(os)(as) discente(s) Ariel Araújo da Silva.

Terminada a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta para atribuir as notas e elaborar o parecer final da apreciação do trabalho, decidindo que o/a discente(s) obteve/obtiveram média 10,0 (Dez), sendo assim aprovado(a)(os)(as) desde que efetuadas as devidas correções sugeridas pela Banca de TCC.

Documento assinado digitalmente



MARCOS PAULO SOUZA NOVAIS
Data: 27/03/2025 11:44:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Marcos Paulo Souza Novais - Orientador(a)

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Documento assinado digitalmente



PEDRO PAULO SOUZA RIOS
Data: 08/01/2025 21:56:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Pedro Paulo Souza Rios - Coorientador(a)

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Marcone Dennys dos Reis Nunes
Dr. Marcone Dennys dos Reis Nunes - Membro da Banca Examinadora

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Edvaldo Hilário dos Santos
Msc. Edvaldo Hilário dos Santos - Membro da Banca Examinadora

Universidade do Estado da Bahia - UNEB